

QUILOMBO, AGRICULTURA DE COIVARA E REVOLUÇÃO VERDE NA REGIÃO CACAUEIRA DA BAHIA

Eduardo Alfredo Morais Guimarães
Doutorando em Estudos Étnicos e Africanos - UFBA
Professor Assistente da Universidade do Estado da Bahia e Bolsista da Fapesb.
eaguimaraes@uneb.br

RESUMO: Apresento, nesta comunicação, os resultados preliminares do projeto de pesquisa “O Quilombo está na mesa”, em desenvolvimento na Comunidade Quilombola de Empata Viagem, localizada no Município de Maraú, estado da Bahia. Na construção do texto, perseguiram-se as seguintes questões: a etnogênese quilombola; a agricultura de coivara e o cultivo da mandioca para a produção de farinha; a expansão do cultivo do cacau nos territórios quilombolas, as inter-relações do Cacau Cabruca com a agricultura de Coivara; o impacto de agroquímicos – fertilizantes e corretivos de solo - e agrotóxicos na cultura alimentar dos quilombos.

PALAVRAS-CHAVE: Quilombo; mandioca; cacau; agrotóxicos.

Introdução

O objetivo desta comunicação é apresentar um pouco da história da agricultura das comunidades quilombolas da Região do Empata Viagem, localizada no município de Maraú, Estado da Bahia. Deseja-se desenvolver aqui uma narrativa dos fatores que possibilitaram a ocupação do território e, mais especificamente, obter algumas conclusões sobre o processo de formação das roças com ênfase nas mudanças que ocorreram nas práticas agrícolas e nas estratégias de subsistência das comunidades. O Empata Viagem é uma “região” do município de Maraú habitada por cerca de 250 famílias distribuídas em sete pequenos quilombos: Empata Viagem, Baixa Funda, Pé de Serra, Domingo Branco, Macadamia, Rua de Palha e São Paulo. Nos quilombos, as narrativas do processo de formação das roças repetem-se com uma uniformidade extremamente grande. De acordo com os depoimentos, a ocupação do território começou com a ocupação das terras por grupos negros em fuga/resistência à

escravidão e modificou-se com o passar do tempo, com a chegada de descendentes dos últimos escravos.

Os Quilombos são, por assim dizer, “dávivas da mandioca”. A produção e venda da farinha de mandioca e seus subprodutos tem sido ao longo de séculos a principal atividade econômica. O plantio do tubérculo é feito por um tipo de *agricultura de corte e queima* com forte influência da herança ancestral indígena. Agricultores e agricultoras abrem uma clareira de preferência na mata grossa, ou mesmo em diferentes estágios de sucessão da floresta e ateam fogo. Dessa maneira, os nutrientes são incorporados ao solo e aí são estabelecidos cultivos de mandioca e das diversas plantas da agricultura de subsistência.

Por um lado, é possível afirmar que a agricultura de coivara e, sobretudo, a farinha de mandioca possibilitaram a ocupação e a própria sobrevivência das comunidades nesse território, caracterizado por uma invisibilidade social que se vincula à marginalidade econômica e a sua localização em áreas intersticiais das principais plantações de cacau. De fato, a coivara, segundo Lucia Munari, “é uma das formas mais antigas e relevantes de intervenção humana no meio ambiente (...) alicerçada sobre um conhecimento profundo dos processos naturais e das espécies florestais” (2009:16). Ainda, de acordo com Munari, “um número crescente de especialistas” defende que as coivaras são sustentáveis sob baixas pressões de uso do solo (2009:20). Por outro lado, de maneira aparentemente paradoxal, foi a agricultura da “revolução verde”¹ que possibilitou os avanços da economia agrícola em direção a escala de mercado, sobretudo, a partir da expansão e intensificação do cultivo de cacau nos quilombos.

A agricultura de corte e queima e a cultura do cacau

Não obstante a predominância da cultura da mandioca no território, o cultivo de cacau esteve presente desde os momentos iniciais do processo de ocupação. No

¹ Modelo de agricultura que chegou ao auge entre as décadas de 1960-1970, direcionado ao aumento da produção agrícola alicerçado em melhorias genéticas em sementes, uso intensivo de insumos industriais, mecanização e redução de custos de manejo com a implantação de monocultivos de elevada produtividade.

entanto, de acordo com Irenio Monteiro, bisneto da velha Honória, uma das primeiras habitantes do lugar, “o cacau era assim lugares, boqueirão, roça de córrego (...), mas depois desse negocio de festa de adubo se expandiu!” Essa nova realidade influenciou de maneira decisiva na diminuição gradativa do plantio da mandioca e na abertura de novas roças de cacau e, por consequência no incremento na utilização de agroquímicos – fertilizantes e corretivos de solo - e agrotóxicos. Vejamos de perto o processo. No período inicial da cacauicultura, entre meados do século XVIII e últimos anos do século XIX, a mandioca foi o alimento básico dos pioneiros, responsáveis pelas primeiras plantações de cacau nas terras mais férteis, úmidas e de fácil acesso, localizadas às margens dos grandes rios, distantes, portanto das principais regiões produtoras de farinha de mandioca. A cultura do cacau só começou a concorrer por terras com os cultivos de subsistência e, em especial com a mandioca no final do século XIX, no movimento de expansão da cacauicultura para áreas de floresta com solos de elevada fertilidade e chuvas abundantes, localizadas “aproximadamente a 50-65 km da costa” (PIASENTIN & SAITO, 2014:64). Ora, esse movimento, aproximou as roças de cacau dos cultivos de mandioca e das Casas de Farinha, fator de fundamental importância em virtude da crescente demanda de alimento para um contingente de mão de obra em franca expansão. O percurso não acaba aí. Na década de 1970, a política pública de crédito agrícola e os incentivos à utilização intensiva de insumos e tecnologias modernas – novas variedades híbridas, fertilizantes químicos e pesticidas – possibilitou a expansão do cultivo para solos de baixa fertilidade natural.

Pois bem, a expansão do cultivo do cacau foi o fator determinante para a implantação de grandes fazendas de cacau nos territórios dos quilombos de Empata Viagem. No movimento inicial de expansão o cacau se beneficiou de conhecimentos agrônômicos ancestrais de técnicas de plantio no sub-bosque da floresta tropical que, envolve inclusive, saberes vinculados à agricultura de coivara, o que pode ser percebido no depoimento de Raimundo, irmão por parte de pai de Irenio Monteiro,

O senhor me entrega uma mata e diz assim: Raimundo eu quero uma mata cabrucada e raleada em ponto de cacau. Eu quero o cacau embaixo dessa cabruca sem tirar a mata. Aí eu vou esclarecer ao Senhor, eu vou lhe dar o cacau plantado.... Eu vou lhe garantir que não vou tirar a mata toda... mas que tem de tirar a mata tem! Eu meto o facão debaixo, cabruco ela todinha de fora a

fora **do jeito que vai plantar mandioca**, depois entro no raleamento, naquelas madeiras mais finas, mais finas, largando as altas. Naqueles lugares que abre demais eu planto duas ou três touceiras de banana. No fim quando eu lhe terminar, quando eu lhe entregar está a cabruca pronta: por debaixo o cacau e a madeira tá em cima que não empata mais... A madeira alta não empata o cacau!

Nos momentos derradeiros do processo de expansão da cacauicultura, final da década de 1960, anos 1970 e, sobretudo nos primeiros anos da década de 1980, as grandes fazendas de cacau se estabeleceram no Empata Viagem consolidando um processo marcado pela substituição de roças de mandioca e capoeiras – florestas secundárias que se desenvolvem em locais em que se realizou a coivara (MUNARI, 2010: 17), por plantações de cacau. Finalmente, entre o final dos anos 1980 e início dos anos 1990, momentos iniciais da epidemia da Vassoura de Bruxa, doença que devastou as lavouras de cacau² e, praticamente, toda economia regional, a expansão da cacauicultura foi intensificada no Empata Viagem, alcançando as terras que restaram aos quilombolas, propiciando a consolidação entre os pequenos agricultores do pacote tecnológico da Revolução Verde³.

Pois bem, com a expansão da cacauicultura as roças quilombolas encolheram e, como consequência direta, a agricultura de coivara também cedeu espaço às novas tecnologias agrícolas trazidas pelos grandes fazendeiros. O relato de Julho, agricultor aposentado, é exemplar: “naquele tempo o cara morava aqui – Macadâmia – ia botar roça lá no Minério! Criava porco à vontade, Solto! Hoje não dá, é vizinho um junto do outro!”. Nas coivaras de “mato grosso”, ainda segundo Julho, “junto com a mandioca os quilombolas plantavam fava, feijão de corda, mangalô, abobora, quiabo, “tomate minha mãe trazia um cesto”, maxixe, jiló, tudo”. E hoje os quilombolas plantam e não dá, ou melhor, “só dá no adubo”. De acordo com Julho, “hoje presentemente é Deus no céu e essa aposentadoria. Tudo compra fora. Só não compra na rua é folha!”.

² Doença causada pelo fungo *Crinipellis pernicioso*

³ Modelo de agricultura que chegou ao auge entre as décadas de 1960-1970, direcionado ao aumento da produção agrícola alicerçado em melhorias genéticas em sementes, uso intensivo de insumos industriais, mecanização e redução de custos de manejo com a implantação de monocultivos de elevada produtividade.

Para tornar esse ponto mais preciso, é importante lembrar que Empata Viagem está em um território com topografia acidentada, ladeado por vales florestados e férteis onde os quilombolas plantavam o cacau: “boqueirões e roças de córrego”. Com o movimento de expansão da cacauicultura as roças de cacau mais antigas passaram ao domínio das grandes fazendas e o território dos quilombos ficou circunscrito aos setores mais altos onde predominam solos degradados fisicamente e com baixos teores de nutrientes, utilizados no passado para o cultivo da mandioca e outras culturas de subsistência através da agricultura de coivara.

A revolução verde e o cacau cabruca ⁴

Pois bem, as tecnologias introduzidas pela CEPLAC⁵ foram importantes para a expansão das lavouras de cacau para além dos boqueirões e das margens dos córregos nas propriedades dos próprios quilombolas. No entanto, mesmo incorporando novos conhecimentos agronômicos, os quilombolas retiveram elementos importantes de um *habitus* (BOURDIEU 1989: 81) – no sentido de história incorporada – agronômico ancestral que possibilita o plantio do cacau no sub-bosque da floresta tropical, alicerçado, sobretudo no conhecimento de técnicas de poda, de manejo de sombra e, sobretudo de roçagem seletiva que permite o plantio do cacau “misturado” com grandes árvores e “com coisas que não se planta e que só se desfruta” (depoimento de Irenio Monteiro). Em depoimentos coletados durante a pesquisa de campo muitas foram as manifestações indicativas de tal posicionamento:

Na minha roça um cedro fica! Não é prá derrubar a paparaíba não!
Essa biriba não corta uma! Pindaíba não corta! Inhaíba também não corto... que
é uma madeira que a gente precisa no dia de amanhã!

Na falha você pode plantar uma banana da terra. A banana da prata
você tem que plantar. Você deve plantar o pé de laranja. Um pé de jaca que

⁴ *Cacau-Cabruca* é um sistema ecológico de cultivo agroflorestal. Baseia-se na substituição de estratos florestais por uma cultura de interesse econômico. ceplac.gov.br/radar/sistema_agro.htm

⁵ A Ceplac - Comissão do Plano Executivo da Lavora Cacaueira - foi criada em 1957 com o objetivo inicial de gerenciar as dívidas da cacauicultura baiana. Com a criação do CEPEC - Centro de Pesquisas do Cacau em 1962, do Departamento de Extensão em 1963 e o Departamento de Educação em 1965 a Ceplac passou a desempenhar um papel importante na pesquisa, extensão rural e formação de mão de obra para a cultura do cacau. (ÁLVARES-AFONSO, 2011, p. 107)

nasceu agente não vai cortar, é claro! Na roçagem uma madeira de lei você não pode cortar. Quando a roça é da gente que a gente quer cevar um pé de cedro, um pé de sucupira agente ceva....

No entanto, mesmo plantado misturado, sem adubar o cacau não produz como antigamente. Segundo dona Leonor, “tem que adubar todo ano, senão não bota”. As roças de mandioca, por outro lado, também estão decadentes, “a mandioca está apodrecendo toda e quando vai arrancar só arranca a metade. E tem também que adubar a mandioca”. A agricultura de coivara continua viva nas falas dos agricultores que ainda utilizam o fogo para fazer seus roçados: “tem que queimar a terra, sem queimar não dá!”

É por isso que no antigo era mais fácil. No antigo botava um roçado de mato grosso, plantava e não tinha esse negócio de adubar nada e dava lá à vontade. (...). Eu tenho uma roça lá no boqueirão que as pessoas que chega, que está acostumado a botar adubo (...), há dúvida! Tirei banana da terra, tirei milho, tem cacau que fez um ano em março quase esgalhando sem uma gota de adubo. Semana passada eu cortei um cacho de banana da terra que deu 53 quilos! Hoje, nem todo mundo tem uma área assim prá você chegar e fazer esse trabalho.

Concluindo

Por fim, é possível concluir que, mesmo sem ter lido Franz Capra, Irenio Monteiro, Seu Manoel, Bar, Zé Conceição, Julho, dona Altamira, dona Leonor e muitos outros quilombolas que conheci em Empata Viagem sabem que a diversidade promove a sustentabilidade: sistemas vivos, em constante movimento e ‘presos’ à “teia da vida”, que, como ecossistemas próximos aos naturais, “são comunidades sustentáveis de plantas, animais e microrganismos” (CAPRA 2006: 13). De uma forma ou de outra, sabem também que “o fogo é importante para reduzir a acidez dos solos e, disponibilizar através das cinzas produzidas os nutrientes armazenados na biomassa” (MUNARI, 2009: 17).

Segundo os entrevistados, o Empata Vigem é um lugar bom, mas no passado era muito melhor. No passado tinha muito mato grosso para cortar e fazer roça, não faltava “o de comer”. Hoje, a terra é pouca e “só dá no adubo”. Os agroquímicos – fertilizantes e corretivos de solo - e agrotóxicos são largamente utilizados, mas não garantem a produtividade. É comum o ataque de “brocas” no cacau e as raízes da

mandioca apodrecem com facilidade. A epidemia da Vassoura de Bruxa destruiu muitas roças e os órgãos de assistência técnica não conseguiram deter a doença. A recuperação das lavouras ocorreu sem a ação dos técnicos. É o que ilustra o depoimento de Seu Julho:

Em tenho um pedaço de cacau, roça velha, primeiro ano eu colhi, colhi dois sacos de cacau. No segundo ano deu essa Vassoura de Bruxa, eu cheguei lá tava todos os galhos secos. Tá perdida! Larguei lá, passou um ano, passou outro, passou outro, três anos; um vizinho meu disse: Julho você foi lá à sua roça? Eu não, lá não piso mais, tudo levou fim (...). Cheguei lá a roça estava renovada e tinha cacau, um bocado de cacau!.

REFERÊNCIAS

ADAMS Cristina. 2000. As Roças e o Manejo da Mata Atlântica pelos Caiçaras: Uma Revisão. *Interciência*, 25 (3): 143-150. Asociación Interciencia. Venezuela. (www.redalyc.org/articulo.oa?id=33904504; acesso em 19.07.2014).

ANJOS. Rafael Sanzio Araujo dos Anjos. 2006. Cartografia e Quilombos: Territórios étnicos africanos no Brasil. In: *AFRICANA STUDIA*. 9: 337-355. Edição do Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto (CEAUP), Coimbra.

BOURDIEU. Pierre.1989. *O Poder Simbólico*. Lisboa/Rio de Janeiro. Difel/Bertrand Brasil.

CAPRA, Fritjof. 2006. Como a natureza sustenta a Teia da Vida. *Alfabetização Ecológica*. Stone, Michael K. & Barlow, Zenobia (org.). São Paulo. Cutrix.

KIUCHI, Tachi & SHIREMAN, Bill. 2003. *O Que a Floresta Tropical nos ensinou*. São Paulo. Cutrix.

MUNARI, Lucia Chamlian. 2010. *Memória Social e Ecologia Histórica: a Agricultura de Coivara das populações quilombolas do Vale do Ribeira e sua relação com a formação da Mata Atlântica*. Dissertação de mestrado. Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo-USP. (www.teses.usp.br/teses/disponiveis/41/41134/tde-07032010-134736/pt-br.php; acesso em 01.01.2014.).

PIASENTIN, Flora Bonazzi. SAITO. Carlos Hiroo. 2014. Os Diferentes Métodos de Cultivo de Cacau no Sudoeste da Bahia: aspectos históricos e percepções. *Boletim do Museu Emílio Goeldi. Ciências Humanas*. Belém. 9(1): 61-78. (<http://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v9n1/05.pdf>; acesso 20.06.2014).